**“Eles é que começaram com a parvoíce do Covid,
por isso têm culpa das pessoas morrerem”
A pandemia da Covid-19 em Portugal e a contínua
discriminação e associação do vírus
à população chinesa¹**

"They started with Covid's stupidity,
so it's their fault people die"

The Covid-19 pandemic in Portugal and the continued
discrimination and association of the virus
to the Chinese population

Ana Daniela da Silva Guerreiro

Instituto de Ciências Sociais (ICS)

dguerreiro.ethicalfashionpt@gmail.com

[doi: xxxxxxxx](#)

Recebido / Received 18.09.2020	Aceite / Accepted 1.10.2020	Publicado / Published 1.06.2021
-----------------------------------	--------------------------------	---

Como citar este capítulo / How to quote this chapter:

Guerreiro, A. (2021). ""Eles é que começaram com a parvoíce do Covid, por isso têm culpa das pessoas morrerem". A pandemia da Covid-19 em Portugal e a contínua discriminação e associação do vírus à população chinesa". In Reis, B., *Um mundo de incertezas: as leituras possíveis de um tempo pandémico* (pp. 10-28). Lisboa: NIP-C@M & UAL, disponível em [xxxxxx](#). DOI [xxxxxx](#)

Introdução

No final de dezembro de 2019 a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi informada pelas autoridades chinesas sobre a existência de um vírus desconhecido, que tinha surgido na cidade de Wuhan e que estava a causar graves infecções respiratórias. Até essa data já tinha infetado 44 pessoas, 11 em estado grave e 33 em estado estável, mas sem óbitos registados (Paiva, 2020).

Os primeiros infetados eram trabalhadores num mercado onde se vendem e consomem animais exóticos (Bittencourt, 2020; Ali, 2020) como cobras, raposas, morcegos e ratos, o que fez com que as autoridades de saúde chinesas ficassem apreensivas e o mandassem fechar (Novak, 2020), uma vez que esses locais, devido à inexistência de condições de higiene, são propícios ao desenvolvimento de doenças e à sua transmissão de hospedeiro em hospedeiro (Fonseca, 2020).

No início de janeiro surgem as primeiras mortes. O crescimento do número de infetados e de mortos dispara em todo o território chinês marcando um total de 3287 mortos e 82.432 infetados². Após a análise das amostras recolhidas nos pacientes infetados, as autoridades de saúde chinesas concluíram que a infeção era provocada por um novo coronavírus, cujos sintomas vão desde

1 Este trabalho foi originalmente apresentado na unidade curricular de Corpo e Sociedade: perspectivas da Antropologia, lecionada pelas Investigadoras Chiara Pussetti e Cristiana Bastos. Agradeço desde já o encorajamento e a oportunidade de publicá-lo neste volume.

2 *Visão Saúde*, 26 de Março de 2020, “Covid-19 estudo revela que pangolins são portadores de coronavírus”.

tosse seca, febre alta, falta de ar, até à síndrome respiratória aguda conhecida como SARS³. Segundo as autoridades de saúde o vírus, temporariamente nomeado de 2019-nCov⁴, teria sido contraído através do consumo de um animal infetado, sendo que posteriores investigações demonstraram que o vírus encontrado nos pacientes possuía alta similaridade genómica (96%) com um vírus obtido de um morcego.

Com este resultado, a OMS divulgou rapidamente a situação a nível internacional, recomendou à China a tomada de medidas de higiene para evitar a transmissão do novo coronavírus e pediu aos outros países para permanecerem atentos ao surgimento de casos. No entanto, devido ao número limitado de ocorrências no exterior e às tentativas de contenção do vírus na China, não foi declarada emergência de saúde internacional (Ali, 2020; Paiva, 2020).

A situação alterou-se quando o vírus se começou a disseminar por toda a Europa, devido à demora na adoção de medidas de contenção por parte de alguns países como Itália e Espanha, passando esta a ser o seu novo epicentro (Raffaetà, 2020; Bittencourt, 2020). Assim, a 30 de janeiro de 2020 a OMS declarou emergência de saúde global e a 11 de março pandemia (Manderson & Levine, 2020).

3 *BBC News*, 13 de Janeiro de 2020, “Novo vírus que causa doença pulmonar misteriosa gera temor na china, mas não há motivo para preocupação”.

4 *Expresso*, 24 de Janeiro de 2020, “As cobras podem estar na origem do coronavírus? Investigadores dizem que sim”.

O facto de o processo de atribuição de um nome oficial para o novo coronavírus ter sido moroso fez com que alguns políticos, como Donald Trump, afirmassem nos meios de comunicação que este era o “vírus chinês”⁵, criando uma onda de discriminação e medo pela população chinesa (Bastos, 2020). Mais tarde, o Comité Internacional de Taxonomia de Vírus veio resolver esta situação designando o vírus de SARS-CoV-2⁶, mais conhecido como Covid-19.

Como ocorre em muitas epidemias, procuram-se culpados (Bittencourt, 2020): da peste medieval foram os judeus, da sida os homossexuais, da influenza os espanhóis e agora da Covid-19 os chineses, devido aos seus hábitos alimentares (Perrota, 2020).

Com este ensaio procuro argumentar que o discurso existente no século XIX, na sociedade americana, sobre a associação de epidemias a estrangeiros e a necessidade de impedir a sua entrada no país é observável nos dias de hoje, devido à contínua associação da Covid-19 aos chineses e à sua culpabilização pela atual pandemia. Este argumento parte da análise dos discursos acerca da pandemia por parte de algumas pessoas, cuja identidade será anonimizada neste ensaio, aos quais tive acesso privilegiado durante o tempo de confinamento.

5 *Observador*, 17 de Março de 2020, “Covid-19. China “indignada” com Trump após referência ao vírus chinês no Twitter”.

6 *BBC News*, 11 de Março de 2020, “Porque o coronavírus agora se chama Covid-19 e como esses nomes são criados”.

A associação de vírus a populações migrantes: o SARS-CoV-2 e as teorias da sua origem e transmissão à espécie humana

Ao longo dos anos os indivíduos têm excluído e discriminado os estrangeiros, devido à percepção que têm da sua perigosidade para a economia e para a saúde pública (Markel & Stern, 2002). Os migrantes eram e são considerados potenciais transmissores de doenças contagiosas como a cólera, a sida, o tifo (Markel & Stern, 2002; Bastos, 2009) e a mais recente, a Covid-19 (Bittencourt, 2020; Perrota, 2020).

Alguns estudos demonstraram que a associação de vírus aos estrangeiros já vem, no caso da sociedade americana, desde o século XIX, época em que chegaram às suas fronteiras mais de 25 milhões de migrantes (Markel, 1999; Markel & Stern, 2002). O facto de a maioria dos migrantes chegar aos Estados Unidos através de barcos que não tinham condições sanitárias mínimas, colocou os americanos em estado de apreensão, com a possibilidade de poderem contrair doenças infecciosas, tornando-os numa ameaça à saúde pública e aos cofres da nação.

Com o objetivo de salvaguardar a saúde da nação e diminuir os encargos económicos com migrantes (Markel & Stern, 2002), a sociedade americana colocou equipas médicas nas fronteiras para examinar, desinfetar e pôr em quarentena os possíveis doentes, excluir e impedir a entrada dos que tivessem

doenças contagiosas, mentais, baixo *status* económico, registos criminais, determinadas nacionalidades ou cor de pele, e também prostitutas ou homossexuais (Fairchild & Tynan, 1994; Markel & Stern, 1999).

A categorização dos migrantes como portadores de doenças, serviu então como um meio de restringir a migração de populações indesejáveis, sendo que essas eram sujeitas a exames médicos mais rigorosos, dos quais muitas vezes saíam traumatizadas (Markel & Stern, 1999). Os asiáticos passavam igualmente por estes exames, devido aos dados epidemiológicos da região do Sul da China e Cantão, e também porque eram perçecionados como sendo fracos e transmissores de parasitas (Markel & Stern, 1999). Por outro lado, os mexicanos eram vistos como nojentos e os judeus como vulneráveis a tracoma e tuberculose (Markel & Stern, 2002), e acusados de trazer o tifo para Nova York, embora as autoridades de saúde americanas soubessem que os surtos eram frequentes na cidade (Markel, 1999). Já os haitianos, africanos e homossexuais eram culpados pela sida (Fairchild & Tynan, 1994) e os chineses pela peste bubónica (Bastos, 2009).

Apesar de o número de doentes ser mínimo, comparado com o número total de recém-chegados, estes eram o bode expiatório das crises de saúde pública (Markel, 1999; Markel & Stern, 2002).

Mason (2012) aborda esta questão, na atualidade, exemplificando com uma cidade chinesa, Shenzhen, onde os indivíduos que migravam do campo para a cidade eram acusados e excluídos, pois os profissionais de saúde, muitos dos quais também migrantes e oriundos das mesmas cidades, consideravam que eles tinham sistemas imunitários deficientes, hábitos sanitários nulos, bem como sujos e irresponsáveis porque ao moverem-se de cidade em cidade acabavam por ser os disseminadores de doenças.

É perceptível a associação e culpabilização da população asiática na disseminação de vírus. Em 2003, o SARS-CoV que infetou os humanos devido ao consumo de um animal exótico, a civeta de palmeira mascarada⁷, considerada uma iguaria na região de Guangdong (Fonseca, 2020), veio despertar na consciência de muitos indivíduos que esta população estava mais uma vez a pôr em risco a saúde global, devido aos seus mercados de animais exóticos e aos seus hábitos alimentares.

A atual pandemia é o mais recente exemplo que reforça igualmente estes estigmas devido à descoberta que o SARS-CoV-2 tinha sido transmitido aos seres humanos através do consumo de um animal exótico vendido no mercado de Wuhan (Fonseca, 2020). Inicialmente acreditava-se que a transmissão se tinha dado devido ao consumo da mítica sopa de morcegos de ferradura asiáticos (Bastos, 2020), no entanto, investigações

7 Mamífero pequeno, magro e principalmente noturno, nativo da Ásia e África Tropical.

comprovaram que os morcegos são os hospedeiros iniciais do SARS-CoV-2, mas que não são os culpados da transmissão do vírus pois não possuem a proteína que liga o vírus à célula humana ⁸.

Algumas investigações apontaram também a cobra como a espécie culpada da transmissão do vírus, nomeadamente as espécies *Bungarus multicinctus* e *Naja atra* ⁹, que além de serem consumidas pelos chineses são utilizadas na medicina alternativa. No entanto, esta hipótese foi desconsiderada após os virologistas Yi Guan e Yan-Ling Hu conduzirem um estudo genómico que demonstrou que os pangolins maláricos são portadores do coronavírus relacionado com o SARS-CoV-2 ¹⁰. Os pangolins são os animais mais traficados no mundo, estando atualmente em risco de extinção (Volpato *et al*, 2020). Além de comporem vários pratos asiáticos, são utilizados em sessões espíritas, bruxaria, medicina tradicional, entre outros (Volpato *et al*, 2020). Muito embora a sua venda seja ilegal, não é possível afirmar que não estariam à venda no mercado de Wuhan (Gruber, 2020).

Apesar destes novos dados, ainda não foi possível confirmar que os pangolins foram os responsáveis pela transmissão do vírus, sendo que algumas investigações têm sugerido que o

8 *Visão Saúde*, 26de Março de 2020, “Covid-19 estudo revela que pangolins são portadores de coronavírus”.

9 *Expresso*, 24 de Janeiro de 2020, “As cobras podem estar na origem do coronavírus? Investigadores chineses dizem que sim”.

10 *Observador*, 27 de Março de 2020, “Estudo revela que pangolins são portadores de coronavírus”.

vírus transmitido aos humanos resulta da recombinação do vírus do morcego com o vírus do pangolim, não se sabendo quem terá sido o hospedeiro intermediário (Gruber, 2020). O médico Zhong Nanshan acredita que o rato de bambu, que é muito apreciado na culinária chinesa é o possível intermediário do vírus, na medida em que o arquipélago de Zhoushan é o habitat natural das três espécies o que permitiria a interação das mesmas (Gruber, 2020).

Sabendo-se ou não qual o animal que transmitiu o vírus aos humanos, o que é certo é que a população chinesa está uma vez mais a ser estigmatizada devido aos seus hábitos alimentares, sendo necessário realizar-se investigações que demonstrem como são construídos e disseminados discursos estigmatizantes e culpabilizatórios, que contribuem apenas para a legitimação da discriminação e exclusão desta e de outras populações.

“Se os chineses não comessem isso não havia Covid! Têm de deixar de comer essas coisas!”

Num artigo para o jornal *Público* a antropóloga Cristiana Bastos (2020) cita o historiador Charles Rosenberg para explicitar que as epidemias têm quatro fases: negação, confusão, reconhecimento de medidas e esquecimento.

Como Rosenberg (1989) refere muitas comunidades são lentas a aceitar a existência de uma nova epidemia, pois com tantas conquistas médicas, farmacêuticas e tecnológicas, acabou-se

por adotar uma visão em que as doenças infecciosas não nos iriam afetar e caso afetassem seriam apenas as populações que vivem nos países com condições médicas, económicas e sociais mínimas que iriam padecer. Contudo, a Covid-19 veio precisamente abalar as nossas convicções ao surgir na China e posteriormente ao disseminar-se por toda a Europa.

Apesar da rápida disseminação de informações acerca do SARS-CoV-2 as autoridades de alguns países como Itália e Estados Unidos, que inicialmente entenderam o Covid-19 como uma gripe que iria desaparecer¹¹, tardaram a adotar as medidas de contenção necessárias, encontrando-se atualmente com número elevado de mortes (Torrente, 2020). No caso de Itália a quarentena foi primeiramente estabelecida apenas na região da Lombardia, onde se encontrava o maior número de casos, só depois com o aumento do número de infetados e das primeiras mortes é que o confinamento foi alargado para mais 11 cidades do norte de Itália (Raffaetà, 2020), mas apenas a 9 de março, quando os efeitos do vírus eram catastróficos é que o presidente Italiano decretou quarentena obrigatória em todo o país¹². Já nos Estados Unidos o presidente Donald Trump desmentiu médicos sobre a gravidade da situação e disse aos cidadãos que poderiam fazer a sua vida sem qualquer cuidado ou restrição (Lemos, 2020). Como disse Trump: “O vírus não terá hipótese contra nós. Nenhuma nação está mais preparada ou é mais resiliente que os Estados Unidos. Temos a melhor economia, os

11 *Press TV*, 31 de Janeiro de 2020, “Coronavirus looks as if tailor-made to achieve US objectives: Scholar”.

12 *Globo*, 25 de Março de 2020, “Há um mês Itália resistiu a tomar medidas mais restritivas contra coronavírus; hoje soma 7, 5 mil mortes”.

mais avançados cuidados de saúde e os mais talentosos médicos, cientistas e investigadores” (Lemos, 2020). Só quando os corpos dos cidadãos americanos começaram a padecer, ultrapassando o número de infetados e mortos de Itália é que o presidente, juntamente com outras autoridades decidiram declarar estado de emergência, quarentena obrigatória¹³ e proibir as viagens provenientes da Europa, pois afirmavam que os países europeus falharam na contenção do vírus por não fecharem de imediato as suas fronteiras à China¹⁴. Tal como Rosenberg afirma (1989) primeiro padece-se da doença e só depois é que o público passa de um estado de negação para um de reconhecimento.

Pelo mundo inteiro rapidamente fecharam escolas, faculdades, cafés, restaurantes alguns exemplos de entre muitos outros serviços. Tanto nesses países como em Portugal estabeleceram-se horários para ir às compras, formando-se filas intermináveis, as pessoas passaram a usar máscaras e luvas e, por fim, proibiram-se viagens internacionais, fecharam-se fronteiras e a 19 de março foi declarado estado de emergência em Portugal e quarentena obrigatória. Só podíamos sair de casa para necessidades básicas ou em alguns casos para trabalhar, caso contrário podíamos ser multados. Na Páscoa o presidente português chegou a decretar que a população não poderia sair do concelho de residência (Pereira & Ropio, 2020).

13 RTP, 13 de Março de 2020, “Covid-19. Trump declara emergência nacional”.

14 Público, 12 de Março de 2020, “Coronavírus: EUA suspendem entrada de viajantes com origem na Europa durante 30 dias”.

Obrigada a estar fechada em casa comecei a ouvir algumas pessoas que vivem relativamente perto de mim a explicarem a origem do vírus. A Catarina dizia:

"Um porco comeu um morcego e o morcego estava infetado. Depois os chineses comeram o porco e começaram a infetar todos! Eles comem bastantes animais e não sabem se estão infetados, são culpados disto [...] Tenho medo de passar por eles, sempre que passo não respiro".

A Margarida, a Manuela e Jaime após ouvirem nas notícias que o vírus tinha sido transmitido para os humanos a partir do consumo de um animal exótico começaram a dizer: “os chineses são badalhocos, só comem bicharada, têm práticas pré-históricas como comer animais crus e ainda por cima comem-nos em sítios sem higiene”.

Ao ouvi-los a culpabilizarem os chineses pela atual pandemia vieram-me á memória situações que presenciei, como três idosas a taparem a cara quando passaram duas crianças asiáticas por elas, o meu companheiro a dizer que não andaria no carro onde estas estavam a brincar porque poderia ficar com o vírus, de um dia em que fui às compras e na fila de pagamento, ao avistar um casal asiático à nossa frente, uma mulher disse para eu me afastar porque eles tinham Covid, ou ainda de, noutro serviço comercial, ouvir algumas pessoas dizer que os “chinocas” é que criaram este negócio, mas como eles eram mais que as formigas, não fazia mal se morressem.

Assim, para os que me eram relativamente próximos e para algumas pessoas com as quais me ia cruzando, os chineses eram culpados pela atual situação que todos vivemos, sendo que o Jaime chegou mesmo a dizer que

"Os Estados Unidos deviam lutar contra a China! As doenças vêm sempre de lá, não é a primeira vez. Os governos de todos os países têm de atuar, têm que sancionar o governo chinês! Não basta proibir agora o consumo de certos animais, porque depois volta-se ao mesmo e dentro de quê? 50 anos mais coisa menos coisa voltamos ao mesmo!"

Ao ler algumas notícias na internet verifiquei que os discursos discriminatórios e culpabilizantes em relação à população chinesa também eram partilhados por alguns políticos como Donald Trump que chegou a chamar ao SARS-CoV-2 “vírus chinês”, o que foi interpretado pelo governo chinês como um golpe de estigmatização¹⁵. É o renascer do discurso que existia

no século XIX na sociedade americana sobre a necessidade de impedir a entrada de estrangeiros infetados, de modo a salvaguardar a saúde da população. Um exemplo foi o facto de Trump fechar as fronteiras aos europeus por considerar que estes ao não fecharem as suas tinham falhado na contenção do vírus e consequentemente tinham-no levado para solo americano. “O número de novos focos nos Estados Unidos foi causado por viajantes europeus da Europa [...] Vou sempre por

15 *Observador*, 17 de Março de 2020, “Covid-19. China “indignada” com Trump após a referência ao “vírus chinês” no Twitter”.

o bem-estar da América em primeiro lugar” (Salvador, 2020). Para Trump “[...] este é um esforço mais agressivo e abrangente para enfrentar o vírus estrangeiro [...] as medidas difíceis que estão a ser tomadas vão reduzir significativamente a ameaça aos nossos cidadãos” (Salvador, 2020).

Em relação ao fecho das fronteiras, observei que as pessoas que me eram próximas concordavam neste aspeto com o presidente norte americano, uma vez que consideravam que se o governo português tivesse sido mais rápido a fechar as suas fronteiras muitas mortes tinham sido evitadas. Aliás, na Páscoa a Margarida estava preocupada com a possibilidade de as fronteiras abrirem, chegando a dizer “se tiverem abertas vêm para cá os espanhóis infetados e depois quem se lixa somos nós”.

Apesar de terem a mesma opinião que Trump em relação ao fecho de fronteiras e da culpabilização dos chineses, consideraram que o presidente dos Estados Unidos era xenófobo por fechar as fronteiras aos europeus e após terem

lido nas notícias que Trump tentou uma vacina exclusiva contra a Covid-19 apenas para o seu país¹⁶ chamaram-no de egoísta.

Muito embora Markel (1999) tenha referido que esperava que se tivesse aprendido com as epidemias do século XIX e XX parece que a situação se manteve idêntica. Algumas epidemias continuam a ser racializadas e consequentemente

16 ZAP, 16 de Março de 2020, “Trump tentou exclusivo de vacina contra o Covid-19. Maioria dos casos já são fora da China”.

as populações continuam a ser discriminadas. Apesar de nos *media* portugueses não surgirem discursos culpabilizantes em relação aos chineses e às suas práticas alimentares, havendo disseminação de informações elogiosas à forma como a China controlou o vírus em três meses¹⁷, ao analisar a minha experiência considero que também o meu país culpabiliza e discrimina os chineses pela atual pandemia, acreditando que se estes mantiverem certos hábitos alimentares estaremos sempre em situações pandémicas.

Ainda que a última fase das epidemias seja o esquecimento, para algumas pessoas que me são próximas e para mim, a Covid-19 será inesquecível tanto pela sua brutalidade em termos de mortos, pela negligência que alguns governos têm com os seus cidadãos, bem como pelos afetos de que fomos privados. A Covid-19 trouxe saudade, revelou a dor da ausência e isso a meu ver não se esquece.

Reflexões

Com este ensaio procurou-se argumentar que os discursos existentes na sociedade americana no século XIX, onde se associava e culpava os estrangeiros pelos surtos epidémicos se mantêm até aos dias de hoje por todo o globo. A Covid-19 é um exemplo disto, pois demonstrou-nos que alguns indivíduos incluindo políticos culpabilizam e discriminam os chineses pela atual crise de saúde global devido aos seus hábitos alimentares.

17 *RTP*, 26 de Março de 2020, “Covid-19. Nova propaganda torna China líder mundial contra pandemia”.

De forma a combater e a desconstruir discursos como “eles só comem bicharada” é o “vírus chinês” ou “vírus estrangeiro”, considero fundamental que os antropólogos e outros profissionais realizem investigações que procurem compreender como são construídas, disseminadas e interpretadas as teorias conspiratórias acerca do vírus, particularmente como são interpretadas e vividas pela população chinesa em diferentes contextos. Deste modo será possível captar quais as verdadeiras consequências destas teorias na vida de alguns membros desta população, pois uma vez que a mesma está a ser estigmatizada, não seria descabido pensar-se que os chineses que têm estabelecimentos abertos ao público e que dependem deles para sobreviver vissem, devido à falta de clientes, a sua situação financeira a agravar-se e consequentemente sejam obrigados a fechá-los.

Esta situação seria terrível, mas cabe a nós antropólogos, em conjunto com outros profissionais, tentar evitá-la e contribuir para que se escreva uma história diferente da que se escreveu no século XIX na sociedade americana.

Bibliografia

Ali, I. (2020). The COVID-19 Pandemic: Making Sense of Rumor and Fear. *Medical Anthropology*, 1-4. doi: [10.1080/01459740.2020.1745481](https://doi.org/10.1080/01459740.2020.1745481)

Bastos, C. (2009). O medo dos migrantes. In Elsa Lechner, *Migração, Saúde e Diversidade Cultural*, Lisboa: ICS, pp. 127-136

— (2020). Epidemias: Apocalipse zombie, sem efeitos especiais. *Público*, 5 de Abril, disponível em: <https://www.publico.pt/2020/04/05/sociedade/noticia/epidemias-apocalipse-zombie-efeitos-especiais-1910616>

Bittencourt, R. (2020). Pandemia, isolamento social e colapso global. *Revista Espaço Acadêmico* 19, no. 221, pp. 1- 10, disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/52827>

Casciano, D. (2020). COVID-19, discipline and Blame. From Italy with a Call for Alternative Futures, *JOURNAL of EXTREME ANTHROPOLOGY* 4, no.1, pp. 18- 24. doi [10.5617/jea.7864](https://doi.org/10.5617/jea.7864).

Fairchild, A. L., & Tynan, E. A. (1994). Policies of Containment: Immigration in the Era of AIDS. *American Journal of Public Health* 84, no. 12, pp. 2011-2022. doi: [10.2105/AJPH.84.12.2011](https://doi.org/10.2105/AJPH.84.12.2011).

Fonseca, P. (2020). Porque está a China no epicentro das grandes epidemias de gripe da história. *Visão*, fevereiro 6.

Gruber, A. (2020). Covid-19: o que se sabe sobre a origem da doença. *Jornal USP*, abril 14, disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/covid2-o-que-se-sabe-sobre-a-origem-da-doenca/>

Lemos, José Alberto (2020). Depois de desvalorizar o coronavírus Trump 'descobre' que o perigo vem da Europa. *RR*, março 12, disponível em: <https://rr.sapo.pt/2020/03/12/cronicas-da-america/depois-de-desvalorizar-o-coronavirus-trump-descobre-que-o-perigo-vem-da-europa/noticia/185194/>

Long, N. (2020). From social distancing to social containment: reimagining sociality for the coronavirus pandemic. *Medicine Anthropology Theory* 1-9, available in: <http://eprints.lse.ac.uk/103801/>

Manderson, L. & Levine, S. (2020). COVID-19 Risk, Fear, and Fall-out. *Medical Anthropology* 1-4. doi: [10.1080/01459740.2020.1746301](https://doi.org/10.1080/01459740.2020.1746301)

Markel, H. (1999). When Germs Travel. *The American Scholar* 60, no. 2, pp. 61- 69, available in: <https://www.jstor.org/stable/41213488>

Markel, H. & Stern, A. (2002). The Foreignness of Germs: The Persistent Association of Immigrants and Disease in American Society. *The Milbank Quarterly* 80, no. 4, pp. 757-788. doi: [10.1111/1468-0009.00030](https://doi.org/10.1111/1468-0009.00030)

Markel, H. & Stern, A. (1999). Which Face? Whose Nation? Immigration, Public Health, and the Construction of Disease at America's Ports and Borders, 1891-1928. *American Behavioral Scientist* 42, no. 9, pp. 1314-1331. doi: [10.1177/00027649921954921](https://doi.org/10.1177/00027649921954921)

Mason, K. (2012). Mobile Migrants, Mobile Germs: Migration, Contagion, and Boundary-Building in Shenzhen, China after SARS. *Medical Anthropology* 31, no. 2, pp. 113-131. doi:[10.1080/01459740.2011.610845](https://doi.org/10.1080/01459740.2011.610845)

Novak, M. (2020). Vírus misterioso que surgiu na China chega a outros países da Ásia. *UOL*, janeiro 17, disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/virus-china-chega-outros-paises-asia/>

Paiva, D. (2020). Da descoberta de uma nova doença até à pandemia: A evolução da Covid-19 registada nos tuítes da OMS. *G1*, abril 3, disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/03/da-descoberta-de-uma-nova-doenca-ate-a-pandemia-a-evolucao-da-covid-19-registrada-nos-tuites-da-oms.ghtml>

Pereira, G. & Ropio, N. M. (2020). Deslocações em dia de Páscoa limitadas ao concelho de residência. *Jornal de Notícias*, abril 2, disponível em: <https://www.jn.pt/nacional/deslocacoes-em-dias-da-pascoa-limitadas-ao-concelho-de-residencia-12022304.html>

Perrota, A. P. (2020). Serpentes, morcegos, pangolins e mercados úmidos chineses: uma crítica de construção de vilões epidêmicos no combate à Covid-19. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social* 1-6.

Raffaetà, R. (2020). Another Day in Dystopia. Italy in the Time of COVID-19. *Medical Anthropology* 1-3. doi: [10.1080/01459740.2020.1746300](https://doi.org/10.1080/01459740.2020.1746300)

Rosenberg, C. (1989). What Is an Epidemic? AIDS in Historical Perspective. *Daedalus* 1-17.

Salvador, S. (2020). Trump, o “vírus estrangeiro” e a suspensão de voos para a Europa. *Diário de Notícias*, 12 de março, disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/trump-o-virus-estrangeiro-e-a-suspensao-de-voos-para-a-europa-11918493.html>

Torrente, A. (2003). Campanha imitada por Bolsonaro é apenas um dos erros cometidos por Itália. *UOL*, 28 de Março.

Volpato, G., Fontefrancesco, M., Gruppuso, P., Zocchi, D. M. & Pieori, A. (2020). Baby pangolins on my plate: possible lessons to learn from the Covid-19 pandemic. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 1-12. doi: <https://doi.org/10.1186/s13002-020-00366-4>